

O GATO MÍSTICO

Ana Cristina Obata



Esta fotografia sem título de Bernard Hermann, pertence ao livro "Rio de Janeiro", publicado originalmente em 1977 por Les Editions du Pacifique. Bernard Hermann responde pela fotografia e lay-out e os textos são de Vinícius de Moraes e Ferreira Gullar. A proposta do livro é apresentar o Rio de Janeiro e o jeito de ser e viver do carioca, o que fica explícito em uma das passagens do texto: "This is Rio. This is the Carioca and his city." (Moraes,p. 13, 1977). Sendo assim o álbum está repleto de imagens da orla marítima, do carnaval, de fuscas, da mista religiosidade brasileira, de mulatas exuberantes... Tudo muito alegre, bonito, colorido, exótico. Tipo exportação.

A foto foi escolhida pela força simbólica que possui. O título do capítulo ao qual pertence é "Deuses e Demônios". Ela certamente foi produzida com a intenção de criar um impacto imediato. O choque é decorrente da presença de

alguns elementos da imagem dotados de um valor simbólico: o gato, o triângulo e as cores vermelho e preto.

O gato foi o primeiro a me incomodar, o punctum da foto para mim, aquela parte da cena que, como diz Roland Barthes em "A Câmara Clara", me punge, salta dela como uma flecha e vem me transpassar. O punctum está carregado de subjetividade, é aquele detalhe ou acaso que cada um percebe subjetivamente e lhe confere prazer ou dor. Por isso, diz Barthes, revela algo sobre a pessoa que o identificou. A intencionalidade do fotógrafo, que escolheu o momento que o gato estava presente para clicar, não o descaracteriza como punctum para mim pois continua a me pungir.

A idéia de gato está carregada de um valor místico. Ele é um ser enigmático e sinistro. Companheiro por excelência de bruxas, sendo muitas vezes uma metamorfose destas, está muito presente em contos macabros (exemplo: "O gato negro" de Edgar Allan Poe). Não bastasse o estigma que carrega, a imagem o apresenta bebendo algo que me parece ser sangue.

As cores vermelho e preto também estão estritamente vinculadas a idéia do mal, das trevas, de forças negativas. Não é à toa que chamamos a parte da religião dedicada à magia negra de mesa vermelha, que as fantasias de diabo são vermelhas e que o traje de Darth Vader e os cabelos das vilãs nas novelas, séries e no cinema sejam negros.

O outro símbolo é o triângulo formado juntando-se as pontas inferiores da esteira e a cabeça da mulher. Segundo Mauro Polacow Bisson em sua tese de mestrado, "Mito: o sagrado no cinema contemporâneo, "o triângulo já era sagrado e utilizado como símbolo religioso nas tradições exotéricas do Extremo Oriente antes mesmo de Pitágoras tê-lo proclamado a primeira das figuras geométricas"(Bisson, p.123, 1997). Bisson alega que o triângulo é a representação do aspecto temporal do homem em contraste com seu aspecto espiritual. Usando o selo de Salomão como parâmetro (dois triângulos justapostos porém com os vértices contrários), afirma que "a direção que um triângulo indica determina o seu significado; apontando para cima representaria o homem espiritual, como um olhar apontando para o Céu, numa alegoria de sua

natureza divina"(Bisson, p.123, 1997). Neste sentido o triângulo da fotografia reafirma o caráter religioso da imagem.

A mulher está no "topo do triângulo", é a cabeça da cena, a responsável por ela, formando com a oferenda um só corpo. Há continuidade física entre eles. Transmite a idéia de verticalidade, ascensão. Esta cena preenche todo o espaço da foto, a foto é completa com ela. O extra quadro parece remeter ao infinito, como se o chão durasse para sempre e só existisse o plano captado pela objetiva. O fato encerra-se ali. Não há nada além. Não é possível identificar o local ou a data em que foi tirada a fotografia. Logo ela é atemporal, pouco importa quando foi feita, pertence ao universo religioso do Candomblé. Não está inserida na história, mas em um contexto mítico.

A imagem é "limpa", completa e simétrica, quase perfeita não fosse a presença do gato. O gato quebra a rigidez e impede a idéia de perfeição que tornaria a foto "chata" onde predominaria aquilo que Barthes, em oposição a idéia de punctum chama de studium: "cenas belas mas que não comportam qualquer marca"provocam uma espécie de interesse geral às vezes emocionado, mas cuja emoção passa pelo revezamento judicioso de uma cultura moral e política"(Barthes, p.46). Enquanto se busca o studium, o punctum salta aos olhos. Tudo está em primeiro plano. Tudo o que está na cena está contido na foto de forma clara e nítida inclusive a "entidade" ou o "santo". Sua presença está explícita na fotografia devido a posição do fotógrafo (e conseqüentemente do espectador) na cena. Todos estes elementos estão contidos no fato, mas nem todos participam dele efetivamente. A nossa presença (fotógrafo, espectador e gato) não interfere na relação da mulher com o santo. Em suma, a fotografia pretende mostrar a religião Candomblé e apresentar um povo exótico com seus estranhos e primitivos costumes.